

Escola Bíblica Semanal

Lição 5 - Evangelho de Mateus – Parábolas do Reino e viagens de Jesus (13.1 a 17.27)

1 – Introdução à lição

Nesta lição estudaremos o terceiro discurso de Jesus, as “Parábolas do Reino”, onde através de sete pequenos contos nosso Amado instrui seus discípulos de forma didática e amorosa. Veremos também Jesus cumprindo seu ministério itinerante, com seus combates e suas maravilhas.

2 – Terceiro Discurso: as parábolas do Reino (13.1-52)

Esta é a terceira grande seção pedagógica apresentada por Mateus, na qual continuam sendo contrastados os inimigos do Reino com os discípulos, conforme apresentado no capítulo 12. O autor conecta esta seção com a anterior usando a expressão “Tendo Jesus saído de casa naquele dia, estava assentado junto ao mar”.

Podemos apenas imaginar a cena maravilhosa do Filho de Deus saindo caminhando de uma casa em Cafarnaum e sentando-se à beira do mar da Galiléia, tendo diante de si a terra, o céu e o mar. O próprio Deus feito homem assentado a contemplar sua criação e aguardando suas ovelhas.

Chegou gente, e foi muita gente, de modo que o Mestre precisou entrar num barco para poder dirigir-se à multidão. O Mestre Jesus apresentado por Mateus novamente toma a postura típica de um rabino, assentando-se no barco e abrindo sua boca para ensinar. A multidão estava assentada no declive da praia e aquela cena era a de um rústico e natural anfiteatro, e tudo estava pronto para mais um discurso de Jesus Cristo.

O Senhor falou ao povo por parábolas, uma palavra que vem do grego “parabole” e do hebraico “mashal”, significando uma alegoria, ou figura. Trata-se de uma forma de discurso curto que faz uma comparação, expressando um pensamento completo. Sendo simples, a parábola é como uma metáfora tirada da natureza ou do cotidiano, atraindo o ouvinte por sua vivacidade ou mesmo estranheza, deixando a mente com dúvida suficiente sobre sua exata aplicação a ponto de provocá-la a um pensamento ativo, uma exploração maior.

As parábolas de Jesus levam os ouvintes a descobrir a verdade e, ao mesmo tempo, escondem-na daqueles que são demasiadamente preguiçosos ou obstinados para enxergá-la. Aos que em sinceridade buscam Deus, a verdade se torna completamente inteligível, mas devemos ter o cuidado de nunca interpretá-las de forma inadequada.

Aceita-se que uma parábola, em geral, tinha a intenção de ensinar somente um ponto e que, portanto, tentar buscar um sentido oculto em cada palavra de uma parábola possivelmente irá gerar grande confusão, pois muitos detalhes são meramente ilustrativos, usados ali para criar uma estrutura de cena sobre a qual se desenvolve a verdade revelada. Eventualmente uma parábola tem vários ensinamentos, como o próprio Jesus explicou na parábola do joio e do trigo, mas a forma geral é de um ensinamento fundamental por cada parábola ensinada.

2.1 – O semeador e os tipos de solo (13.3-23)

A primeira parábola refere-se muito mais aos tipos de solo do que ao semeador propriamente dito. Antes de explicar a parábola aos discípulos, Jesus explica-lhes a razão para usar

parábolas. Chama a atenção a admoestação anterior, apresentada no versículo 9: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. Naturalmente que não somos surdos e percebemos os sons, mas Jesus fala aqui de um discernimento espiritual, da abertura do conhecimento aos que o buscam em amor.

Foi concedido o conhecimento dos mistérios do Reino dos Céus aos discípulos, mas não às multidões. Precisamos ter em mente o contraste freqüente entre as multidões e os discípulos, para discernirmos se enquanto igreja somos parte do grupo íntimo de Jesus ou apenas daquela grande audiência que se aglomera ao seu redor para ouvir aquelas palavras bonitas. A nossa situação presente será fundamental para o nosso destino.

O princípio que aquele que tem receberá mais e aquele que não terá perderá o seu pouco faz parte da economia espiritual. Na economia humana, um homem rico pode aplicar seus recursos e ficar mais rico ainda, mas um homem pobre pode perder tudo por uma pequena desventura no caminho. Aprendemos com isto que, não importa o nível em que nos encontramos espiritualmente, devemos trabalhar com aquilo que temos para ter mais ainda, e seguidamente para possuir ainda mais riquezas espirituais. Lembremos ainda que os fiéis sobre o pouco receberão muito.

Bem-aventurados foram os discípulos e bem-aventurados somos nós, pois ainda que não vejamos e ouçamos o próprio Jesus em seu ministério terreno, vemos suas obras maravilhosas e ouvimos a pregação de sua Palavra, coisa que muitas e muitas gerações inteiras de pessoas dedicadas a Deus desejaram, porém não viram. Lembremos do profeta Simeão, que no templo de Jerusalém exclamou ao ver a criança Messias: “Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, segundo a tua palavra; pois já os meus olhos viram a tua salvação, a qual tu preparaste perante a face de todos os povos; luz para iluminar as nações, e para glória de teu povo Israel.” (Lc 2.29-32).

Quanto à parábola dos tipos de solo, sua explicação não exige muito de nós, leitores da Bíblia, pois o evangelho de Mateus apresenta os comentários e explicações do próprio Autor da parábola, identificando cada tipo de solo e informando as devidas consequências quanto à forma de receber a Palavra de Deus.

Podemos pensar nesses quatro solos como indicando um quarteto dos corações humanos: o coração impassível, o coração superficial, o coração estrangulado e o coração firme. Nosso desafio é produzir mais frutos, e muitos frutos.

Aos evangelistas frustrados, que fazem os mais sinceros esforços, acompanhados de fervorosas orações e não recebem a devida resposta, sirva de consolo a história do Mensageiro que proclamou o Evangelho e acabou pregado numa cruz, mas mesmo lá não desistiu e ainda orou por seus algozes e sua oração foi recebida e atendida.

Desta parábola ainda podemos guardar a explicação da figura “aves do céu”, pois seu conhecimento será útil em uma das próximas parábolas.

2.2 - O joio e o trigo (13.24-30 e 36-43)

Joio, ou cizânia, é uma planta semelhante ao trigo em forma, mas imprestável para o consumo, apresentando em sua fase adulta grãos pretos, facilmente identificáveis dos grãos de trigo.

Jesus apresentou a situação de sua plantação e da semeadura do inimigo, mas assegurou a separação final entre o trigo e o joio e o destino de cada um.

Joio não vira trigo e trigo não vira joio. O ensinamento aqui é sobre o que cada um realmente é e o que cada um dará para o Reino, não sobre as transformações que podem ocorrer na vida de cada um, tanto para melhor quanto para pior. Tais transformações são tratadas em outras passagens da Bíblia, o que está em foco aqui é a existência de sementes malignas plantadas entre o povo de Deus, as quais não vieram ali para serem transformadas, mas sim para ficarem disfarçadas, enganar e provocar estragos.

Para diferenciar o joio do trigo leva tempo, e muito joio só será descoberto na colheita, pelos anjos de Deus. Não sejamos tão rápidos em rotular os outros. As coisas espirituais discernem-se espiritualmente (I Co 2.14-15).

Esta parábola tem sido erradamente interpretada por alguns que insistem em negar o arrebatamento da igreja que é claramente apresentado em I Ts 4.7, por que o joio será colhido antes do trigo. Pensam estes que o significado é que num certo dia, estará a igreja sobre a terra e então serão arrancados os ímpios e lançados no inferno, para que então a igreja seja guardada nos céus.

Esquecem-se estes que o povo de Deus ao longo da história não é somente a igreja, é também Israel, e que a história de Israel não terminou com a rejeição ao Messias. O fim do mundo não é o fim da igreja. No final dos tempos já não haverá mais igreja, pois esta terá sido arrebatada antes da tribulação, mas aquele joio maldito plantado desde antigamente, ainda estará na terra misturado ao próprio povo de Deus, Israel.

No final da tribulação, ao chegar o Filho do Homem sobre as nuvens, com poder e glória, ele dará ordens aos seus anjos para que de toda a terra arranquem os ímpios e os lancem no inferno. Depois disso serão julgadas as nações. Neste julgamento todos os judeus que o adorarem, bem como todos os não judeus que agirem com justiça, serão conduzidos à presença de Jesus. Serão então restaurados, abençoados e colocados na criação restaurada por Jesus, para viverem o milênio de paz prometido em Ap 20.2-7.

Assim, temos uma parábola com duas aplicações: uma para a igreja e outra para Israel. Ambas mostram que o joio crescerá junto ao trigo até o seu julgamento. Perfeição, só na glória!

2.3 – O grão de mostarda (13.31-32)

Ainda que existam sementes menores que a da mostarda, em Israel nenhuma semente conhecida era menor que esta. A mostarda do oriente realmente cresce até tornar-se um arbusto grande o suficiente para receber as aves do céu e não deve ser confundida com outras espécies de mostarda cultivadas hoje.

Duas explicações tem sido propostas para esta parábola.

Uma explicação é que o Reino, plantado por Deus em Israel há cerca de dois mil anos, começou com o Messias e doze discípulos, mas até a consumação dos tempos terá alcançado toda a terra, e ele será tão grande que pessoas de todos os povos farão parte dele.

Outra explicação usa a figura das aves do céu que aparece na parábola dos solos, onde tais seres são identificados como demônios. Segundo esta explicação, o grão de mostarda, que foi semeado por Deus, cresce tanto ao longo desta dispensação da graça que torna-se uma árvore na qual os próprios demônios encontram-se aninhados, pois a igreja tem crescido de forma impura, secularizando-se, criando novas doutrinas e politicagens que permitiram aos espíritos malignos encontrarem pouso na própria igreja. Se olharmos ao nosso redor e observarmos quantos são os que dizem-se cristãos e dispenseiros de Deus e observarmos suas obras e doutrinas, talvez demos alguma boa razão a esta explicação tão dolorosa.

2.4 – O fermento (13.33)

Esta parábola está intimamente ligada a anterior, pois trata de crescimento e assim como na anterior, temos duas explicações opostas.

Uma explicação é que o Reino, a igreja, cresce exteriormente, em número de convertidos (o grão de mostarda) e interiormente, com o fermento que leveda toda a massa e altera suas características.

Outra explicação é que o Reino, além de crescer em números sem qualidade que dão lugar a demônios, deixou-se contaminar pelo fermento e tudo teve seu sabor modificado, numa igreja que hoje apenas de longe reflete a realidade da igreja primitiva, que ainda não estava levedada.

Esta explicação encontra apoio no fato que além desta parábola, também apresentada em Lc 13.21, o fermento aparece no novo testamento em todas as outras passagens com o significado de pecado, conforme Mt 16.6-12; Mc 8.15; Lc 12.1; I Co 5.6-8 e Gl 5.9. Além disso também no antigo testamento o fermento não deveria se fazer presente nas refeições cerimoniais e

nas ofertas ao Senhor. Apenas seria permitido fermento na oferta das primícias, onde cada um ofertava o melhor e a primeira parte do que tinha produzido, mas sobre o altar não poderia haver fermento.

De qualquer modo, precisamos entender que no Reino há crescimento, mas muitos são apenas joio, e que doutrinas estranhas tem contaminado a igreja desde o princípio do cristianismo, mas haverá separação e julgamento. Lembremos da antiga declaração de Deus: “porei separação entre o meu povo e o teu povo” (Ex 8.23) e de sua ordem: “sede santos, porque eu sou santo” (Lv 20.7 e I Pe 1.15-16).

2.5 – O tesouro (13.44)

Numa época antiga não era raro que tesouros fossem escondidos no solo, para evitar o saque em guerras e invasões. Um homem que achasse um tesouro assim e comprasse tal campo não era um ladrão, mas era como um investidor de nossos dias que sabe do potencial de certas terras e as compra para possuir grande lucro com seu negócio.

Os preceitos dos rabinos proibiam um trabalhador de usufruir de um tesouro encontrado nas terras de seu patrão, o tesouro deveria se entregue ao proprietário das terras. O homem da parábola resolve este problema pagando o devido preço pela terra e tornando-se assim o seu legítimo proprietário, com tudo o que nela está.

Esta parábola apresenta o Reino com algo tão precioso que todo o esforço despendido para entrar nele vale a pena, e que tudo o que temos vale menos que o Reino. Estão representados aqui aqueles que subitamente deparam-se com o tesouro do evangelho, através do grupo de evangelização de uma esquina, de um folheto ou de uma conversa casual. Estes, uma vez despertados, fazem tudo o que está ao seu alcance para entrarem no Reino dos céus.

2.6 – A pérola (13.45-46)

Nesta parábola está apresentado aquele que por toda a sua existência buscou um sentido para sua vida. Ao encontrar a coisa mais preciosa, desprende-se de tudo para adquirir tal preciosidade. Enquanto na parábola do tesouro escondido o encontro é casual, aqui este encontro é diligentemente buscado, talvez como o caso dos magos do oriente (Mt 2), ou do centurião Cornélio (At 10).

Outro significado muito apropriado para esta pérola é que Jesus é o negociante, procurando algo precioso, conforme a palavra que diz: “quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para com ele” (II Cr 16.9).

Ao encontrar tal pérola preciosa, Jesus deu tudo o que tinha, a sua própria vida, para comprar seu povo e formar sua igreja.

Ambas as explicações mostram o significado maravilhoso do Reino e podem ser perfeitamente aceitas. Através de ambas podemos aprender mais sobre o Reino dos Céus. Glória seja dada ao Senhor Jesus!

2.7 – A rede (13.47-50)

Uma rede de arrasto, ao ser puxada para a praia, pegava todo tipo de peixe, mas nem todos eram bons para consumir, assim os pescadores separam os peixes bons dos ruins. Antes que alguém possa achar que a tarefa de separação é dos discípulos, já que Jesus chamou-os para serem pescadores de homens, ele deixa bem claro que os pescadores desta parábola são os anjos, os quais separarão os perversos dos justos.

Não podemos esperar uma igreja perfeita deste lado dos céus. A parábola da rede descarta a possibilidade da seleção prévia. Infelizmente teremos que conviver com peixes ruins, e até

mesmo o evangelista Filipe pescou um peixe ruim chamado Simão (At 8.13-24).

Ainda que alguns idealistas proclamem a purificação da igreja, e que haja lugar para a correta disciplina e o discernimento espiritual, nós somos falíveis e poderemos arrancar trigo junto com joio, ou lançar fora bons peixes. Felizmente, haverá um dia, na praia da eternidade, onde será feita a distinção final. O próprio Deus cuidará da classificação das pessoas e não haverá erro na separação. Olhemos para esse dia com corações arrependidos e almas dispostas a glorificar o nome do Senhor.

Após esta seqüência de parábolas, Jesus verificou a aprendizagem dos ouvintes e falou que um escriba, ao tornar-se instruído (discípulo de Jesus) é como um pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas. Isto nos mostra que um mestre da Palavra dá aos seus irmãos de fé ensinamentos do Novo Testamento e também do Antigo Testamento, pois o centro de tudo é Jesus.

3 – Narrativa das viagens de Jesus (13.53 a 17.27)

O versículo 13.53 usa a fórmula habitual de encerramento de discurso, conforme 7.28 e 11.1.

3.1 – Rejeição em Nazaré (13.54-58)

Jesus chegou à sua cidade, e ensinava na sinagoga, mas todos ficaram negativamente admirados com sua sabedoria e poder e deram-lhe credenciais de pessoa qualquer, pois sabiam sua profissão e os nomes de sua mãe e seus irmãos, além de morarem entre eles as irmãs de Jesus.

Novamente a Bíblia derrota a doutrina estranha da virgindade eterna de Maria, a qual é expressamente negada em diversas outras passagens, algumas já estudadas neste curso e outras ainda por vir.

O povo de Nazaré ficou escandalizado com Jesus, o qual anunciou a incredulidade deles e não realizou muitos milagres, por causa dessa incredulidade. É interessante como pessoas incrédulas no poder do Espírito Santo negam sua eficácia porque não viram seus sinais, mas não percebem que não enxergam seus sinais porque não crêem. Deus tenha misericórdia!

3.2 – A morte de João Batista (14.1-12)

Este episódio triste nos mostra um profeta destemido, ousado, verdadeiro, que foi até as últimas conseqüências para cumprir aquilo que recebeu de Deus. Ainda que gostasse de ouvir João, Herodes não o respeitou como profeta de Deus e o encarcerou por seu confronto ao adultério.

Herodias era adúltera, perversa e sem afeição natural, uma nova Jezabel perseguindo o novo Elias. Tal mulher entregou sua própria filha a dançar para entreter homens bêbados, entre eles seu próprio amante.

Herodes se afligiu e entristeceu com o pedido, mas por vergonha e amor à si mesmo, matou João.

Aretas, rei dos árabes nabateus, dera sua filha Fasaelis em casamento a Herodes Antipas. Este Aretas tinha seu domínio até Damasco, onde seu governante tramara contra a vida de Paulo (II Co 11.32).

Herodes Antipas esteve em Roma na casa de seu meio-irmão Filipe, não o tetrarca de Traconítide, mas Herodes-Filipe, filho de Mariana, assassinada por seu marido Herodes, o grande. Este Filipe, o deserdado, vivia em Roma como cidadão comum, e era casado com sua sobrinha, filha de Aristóbulo, dada a ele como esposa por seu pai, o Grande Herodes, o qual também matou Aristóbulo.

Em sua visita a roma, sem qualquer escrúpulo, Herodes tornou-se amante de sua cunhada-sobrinha e levou-a para a Judéia. O povo detestou-o por isso, pois além de colaboracionista

com os romanos, Herodes Antipas era agora publicamente adúltero e incestuoso, o que podia ser aceitável em Roma, mas jamais na Judéia.

Sabendo do plano de Herodes de trazer Herodias e repudiá-la, Fasaelis foge para a casa de seu pai, o qual prometeu vingar a honra da jovem, enquanto Herodias chega trazendo sua filha Salomé, a qual mais tarde foi usada para conseguir a morte de João.

Todo este episódio terminou quando Aretas enviou um exército que derrotou Herodes Antipas, o qual perdeu um exército inteiro e acabou exilado por Gaio César. Muitos judeus consideraram esta derrota um castigo divino lançado contra o tetrarca pelo homicídio de João Batista, que era temido pelo povo.

Quanto a João Batista, seus discípulos cuidaram de seu funeral, e contaram a Jesus o ocorrido.

3.3 – A primeira multiplicação dos pães (14.13-18)

Jesus partiu para a margem oriental do mar da Galiléia, para um lugar deserto. As multidões caminharam cerca de treze quilômetros para cercá-lo do outro lado, onde ele chegaria após uma travessia de dez quilômetros em um lento barquinho. Quando Jesus chegou lá e saiu do barco e viu a grande multidão, teve compaixão deles e curou os seus doentes.

Ao fim do dia os discípulos estavam preocupados com o avançado da hora e a falta de suprimentos, mas Jesus ordenou que eles mesmos dessem de comer ao povo.

Os discípulos não compreendiam como poderiam alimentar tão grande povo com apenas cinco pães e dois peixes, mas obedeceram e de fato alimentaram a multidão. Mesmo que não compreendamos como Deus pode operar com o tão pouco que dispomos, devemos obedecer em fé para que possamos ver as multidões serem satisfeitas por Jesus.

3.4 – Jesus caminha sobre as águas (14.22-27)

Os discípulos foram enviados de volta, enquanto Jesus despedia a multidão, pois queriam arrebatá-lo para o fazerem rei, conforme lemos em Jo 6.15.

Anoiteceu e Jesus estava sozinho, orando no monte, enquanto os discípulos lutavam contra o vento e as ondas que faziam oposição ao seu avanço. Muitas horas depois, na alta madrugada, Jesus avançou por sobre o mar, caminhando, situação que mostrou o pânico supersticioso dos discípulos. Ainda hoje, em meio às tempestades da vida, Jesus diz: “Tenham coragem, sou eu, parem de ter medo”.

Pedro, o impulsivo, quer andar sobre o mar e Jesus diz: “Vem!” Pedro vai, mas o medo brota e ele afunda, sendo salvo por Jesus. Se não houvesse duvidado, teria permanecido, mas ainda assim foi resgatado.

Ao entrarem no barco, cessou o vento e os discípulos o adoraram, reconhecendo que verdadeiramente ele é o Filho de Deus. Agora cessado o vento, puderam seguir viagem e então chegaram a Genesaré, o que causou novo tumulto das multidões que rapidamente espalharam a notícia e trouxeram os seus doentes. Suplicaram por apenas um toque na orla do manto, e tal toque cheio de fé realmente curava!

3.5 – Contaminação cerimonial e contaminação moral (15.1-20)

Os fariseus e os mestres da lei se dão ao trabalho de sair de Jerusalém e ir até Jesus para confrontá-lo. Um de seus argumentos é que os discípulos não lavam as mãos. Este hábito não tem qualquer conotação de higiene, mas tratava-se de uma purificação cerimonial, algo mais parecido a alguém sentir-se sujo interiormente por ter passado em um ambiente de devassidão moral. Lavar as mãos era para purificar-se nesse sentido, não no sentido higiênico.

Jesus confrontou a hipocrisia deles e chamou para junto de si as multidões, instruindo-

os sobre a contaminação, a qual não entra no homem, mas dele sai. Jesus tornou puros todos os alimentos ao proferir estas palavras e provou que as verdadeiras impurezas são os pecados, os quais brotam do coração humano (Mc 7.19).

3.6 – A mulher cananéia (15-21-28)

Jesus empreende uma viagem para o norte, na região de Tiro e Sidom, cidades fenícias, fora de Israel. Naquela terra está uma mulher que reconhece Jesus como o Messias, o filho de Davi. Talvez seja ela um daqueles que vieram de Tiro e Sidom ao mar da Galiléia ver Jesus (Mc 3.8).

A mulher cananéia demonstra não apenas fé, mas persistência e sabedoria, alcançando o que buscou. Jesus não discriminou-a, mas provou sua fé e explicou-lhe a primazia dos judeus, enquanto os estrangeiros naquele momento eram apenas como bichinhos de estimação. Ainda assim, muitos dos últimos serão os primeiros e muitos dos primeiros serão últimos (Mt 19.30).

3.7 – A segunda multiplicação dos pães (15.29-39)

Jesus parte dali até a beira do mar da Galiléia, e dali sobe a um monte, onde novamente é cercado por uma multidão carregando seus doentes, os quais foram curados. Marcos conta que este evento passou-se na região de decápolis, ao oriente de Israel. Jesus estava entre gentios.

Três dias depois eles ainda estavam ali e Jesus novamente multiplica o alimento e alimenta esta outra multidão. Agora Jesus já curou e alimentou as multidões de judeus e gentios. Partindo dali foi para Magadã, também chamada Magdala, terra de uma certa Maria, mais tarde conhecida como Magdalena.

3.8 – Os fariseus e seu fermento (16.1-4)

Novamente os incrédulos fariseus pedem um sinal, como se não bastassem todos os sinais apresentados até ali, em perfeito cumprimento das profecias! Novamente nenhum sinal lhes é prometido, a não ser a ressurreição, o maior e mais poderoso sinal de todos, a vitória sobre a morte!

Partindo para o outro lado do mar, os discípulos esqueceram de levar pão, e Jesus falou-lhes para cuidarem com o fermento dos fariseus e dos saduceus, mas os discípulos achavam que ele estava preocupado com pão, eles mesmo que já havia visto duas multiplicações maravilhosas. Finalmente eles compreenderam que o fermento era o ensino dos fariseus e dos saduceus.

3.9 – A grande confissão e a grande mancada (16.13-28)

Jesus está agora em Cesaréia de Filipe, muito ao norte de Israel, e lá passa a tomar a lição de seus discípulos: “Quem os outros dizem que o Filho do homem é?” Os outros têm dito muitas coisas, mas Pedro dispara: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo!”.

Pedro é um nome que vem de Keifa, ou Cefas, que quer dizer pedra, daí o trocadilho. Pedro, o primeiro entre os discípulos, recebeu poder e autoridade para exercer o ministério em nome de Jesus. Curioso é como estabeleceu-se uma tradição de dois mil anos de homens que alegam suceder a Pedro mas contrariam os ensinamentos de Jesus e em nome de sua religião e seu poder cometeram assassinatos, torturas, prisões e roubos. Consideraram-se com tão grandes que negam a autoridade da Bíblia, submetem-na à sua tradição e ainda crêem que tem autoridade nos céus!

O mesmo Pedro, idolatrado por tantos, na sequência destes eventos dá a prova de quem ele é: um homem. Jesus passa a instruí-los sobre a necessidade de ir a Jerusalém concluir seu ministério, sendo torturado e morto, mas a isto Pedro reage tentando impedir Jesus de cumprir tudo aquilo a que veio cumprir. “Para trás de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens.” Talvez fosse hora dos tais “seguidores de Pedro” entenderem estas palavras e as aplicarem às suas vidas.

A seguir Jesus exorta os discípulos novamente quanto ao preço do discipulado, e anuncia que alguns deles não morreriam antes de verem o Filho do homem vindo em seu Reino, o que se cumpre seis dias depois, na transfiguração, e novamente na visão do Cristo Ressurreto e outra vez no Pentecostes.

3.10 – A transfiguração e a libertação de um menino(17.1-22)

Num dos momentos mais fantásticos de seu ministério, Jesus aparece diante de Pedro, Tiago e João, em corpo glorificado, resplandecente, acompanhado de Moisés e Elias, representando a lei e os profetas, toda a velha ordem.

Pedro fica estupefato e quer ficar ali, porque está muito bom, mas recentemente ouvira que deveriam ir a Jerusalém para que o Cristo padecesse. A isto, o próprio Deus responde: “Este é o meu filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!”

Os discípulos prostram-se, mas são tranqüilizados por Jesus e toda a cena volta ao que era antes. Adicionalmente recebem uma ordem de guardar o que viram até após a ressurreição. Novamente Jesus explica-lhes a natureza do Elias que veio, o qual era João Batista.

Ao descerem do monte, ao saírem da glória, do momento maravilhoso, chegam à dura realidade terrena, um menino endemoninhado desde a infância (Mc 9.21), o qual está em grande sofrimento mas não é liberto pelos discípulos.

Jesus repreende o demônio, expulsa-o e cura o menino. Os discípulos querem saber o motivo de seu fracasso, já que anteriormente receberam autoridade para tanto. A resposta é a falta de fé e a solução é oração e jejum. Guardemos isto em nossos corações para aplicarmos em nossas vidas nestes dias em que vivemos.

Novamente Jesus anuncia sua morte e ressurreição, mas os discípulos se entristecem. Parecem que eles ouvem morte, mas não ouvem ressurreição.

3.11 – O imposto do templo (17.24-27)

Encerrando esta seção está a questão do tributo, tantas vezes discutida no meio cristão. O próprio Jesus, maior do que o templo, proprietário de Israel e de toda a terra, pagou o tributo para evitar o escândalo.

Muitos não pagam tributos alegando que iriam falir se o fizessem, mas Jesus ensina a obedecer, ainda que seja com dano. Isto é tão importante que várias vezes é repetido nas Escrituras.

Encerramos aqui o estudo de hoje. Seguiremos na próxima lição por nosso estudo do Evangelho de Mateus. Para preparar-se, leia Mateus 18.1 até 23.39, se possível em diferentes traduções, e anote os pontos principais que lhe chamam a atenção, fazendo uma breve ficha de leitura sobre o que leu.

Para a elaboração deste estudo foram consultadas as seguintes fontes:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Earnhart, Paul. **Erva daninha no trigo: a parábola do joio.** Estudos Bíblicos. Disponível em <http://www.estudosdabiblia.net/2001111.htm> Consultado em 16 de junho de 2006.

Melo, Joel Leitão de. **Sombras, tipos e mistérios da Bíblia: descobrindo o significado das profecias bíblicas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Reinke. André Daniel. **Atlas bíblico ilustrado.** São Paulo: Hagnos, 2006.

Walvoord, John F. **Todas as profecias da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

Wikipedia, the free encyclopedia. **Aretas.** Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Aretas> Consultado em 16 de junho de 2006.

Wikipedia, the free encyclopedia. **Herod Antipas.** Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Herod_Antipas Consultado em 16 de junho de 2006.